



Três Recensões Críticas

JOHANNES KLEINSTÜCK: *Die Erfindung der Realität. Studien zur Geschichte und Kritik des Realismus*, Klett-Cotta Verlag, Stuttgart 1980, in 8º, 160 pgs.

Este novo ensaio de Johannes Kleinstück surge em sequência a *Wirklichkeit und Realität. Kritik eines modernen Sprachgebrauchs*, publicado em 1971 e cuja apreciação crítica oportunamente fizemos (vd. *Revista da Faculdade de Letras*, III/14, Lisboa 1971, pg. 347/350). Se o primeiro estudo versava essencialmente a análise do conceito (problemático) de *Realidade*, que a Literatura, e o próprio conhecimento sensorial, convencionaram — obstáculo que na língua alemã conduziu à dupla possibilidade semântica *Wirklichkeit / Realität*, sem contudo se eliminar a ambiguidade inerente a ambos os conceitos — o A. vem agora colocar a questão num plano mais pragmático, aplicando o seu exame do Real a autores e textos concretos. Por forma que desta vez não é só a definição de *Realidade* que se põe em causa — são também os fundamentos teóricos com que o Realismo pretende impor-se como expressão literária.

No momento que vivemos da História do pensamento europeu, a avaliar pela predominância das publicações em matéria de reflexão filosófica, histórica e literária, nomeadamente no espaço alemão, dir-se-ia que todos os caminhos vão dar a Marx. Há os apoiantes e há os detractores, há os que comungam e há os que descrêem, mas forçoso será, a uns e outros, aceitar a importância da doutrina, reconhecendo o impacto por ela exercido nos múltiplos campos da actividade intelectual. Não admira, portanto, que também este livro de J. Kleinstück, ao ocupar-se da problemática literária do Real, venha tomar posição no debate em torno do Realismo marxista.

Em linguagem clara e sugestiva, com o seu toque de ironia polémica, o A. vai abordando, em sucessivos ensaios, a aplicação possível (?) do rótulo de *realista* a uma gama de autores que vai de Shakespeare a Champfleury e Baudelaire, a James Joyce e W. B. Yeats.

Porém, logo no cap. sobre Shakespeare, não é tanto o dramaturgo isabelino que está em causa, como o uso que dele faz a crítica marxista, mais precisamente Georg Lukács. Já em cap. introdutório o A. previne contra o dogmatismo deste teórico da literatura, expresso, por ex., na sua conhecida definição: “Fidelidade perante a Realidade (*Wirklichkeit*), esforço apaixonado por uma reprodução ampla e autêntica da Realidade (*Wirklichkeit*), foi, para todo o grande escritor, o verdadeiro critério da grandeza literária” — juízo que Lukács exemplifica com Shakespeare, Goethe, Balzac e Tolstoi. A objecta o A. que a estreiteza da fórmula lukacsiana não só subordinada a *grandeza* do escritor exclusivamente à sua condição de *realista*, como exclui do círculo dos *grandes* autores, entre muitos outros, um William Blake, um Goufried Benn e,

desde logo, por definição, os *surrealistas*. Esse *reflexo* ou *espelhamento* da Realidade descobre-o Lukács, a par de outros exemplos, num passo célebre de *Hamlet* (Acto III, Cena 2), em que o príncipe, distribuindo conselhos aos actores da *play within the play*, diz que o objectivo da arte dramática tem sido, em todos os tempos, “como que o de colocar um espelho perante a natureza”. A análise de Kleinstück visa demonstrar, pelo contrário, que Lukács confunde Shakespeare com Hamlet, ao atribuir à personagem o papel de arauto duma estética shakespeareana, quando afinal a dita cena, no contexto geral do drama, desempenha tão somente a função intelectual de provocar o desmascaramento de outras duas personagens — a mãe e o padrasto de Hamlet — e por isso é imperativo (astúcia de Hamlet, e do dramaturgo) que a imitação dramática dos factos resulte tão transparente quanto possível. Tal não bastaria, portanto para conferir ao autor da tragédia a categoria de precursor duma óptica marxista. E prossegue o A. no aprofundamento da métrica do *espelho*, para concluir que não existe *reflexo* sem a intervenção do Eu consciente, donde a relatividade inevitável na apreensão do Real (a cada consciência sua Realidade) e a impossibilidade de se atingir uma hipotética essência dos dados sensíveis.

Enquanto que Lukács mostra apoiar-se essencialmente nos escritos teóricos de Marx, Engels e Lenine, o A. prefere redescobrir as origens do moderno Realismo europeu nas tertúlias francesas de meados sec. XIX e ali buscar a resposta a duas interrogações:- Que espécie de Realidade pretende o realista reflectir? Estará ele consciente da exactidão daquilo que nos transmite?

*O Templo do Realismo* (título do cap. IV) localizou-se, na visão do A. em Paris, na *Brasserie Andler*, donde, entre 1848 e 1851, se reuniam literatos e artistas plásticos, com Goussier por mentor principal, formando uma espécie de sociedade secreta, em defesa dos novos princípios estéticos do Realismo e contra os devaneios imaginativos dos *poetas*. Tal como Lukács, também os do círculo da *Brasserie Andler* esconjuravam os seus antepassados ilustres, desde Homero e Shakespeare a Goethe e a Balzac; como ele, também, rejeitavam qualquer outra forma de expressão artística além da realista, e a Realidade visada era predominantemente de natureza económica e social: os quadros de miséria e degradação humana da grande urbe. Temas que antes à literatura eram oficialmente vedados ou tidos por indignos de tratamento literário.

Mas não é tanto aí que reside o desacordo de Kleinstück. A sua objecção de fundo dirige-se à impossibilidade de o artista reproduzir fielmente, ao contrário do que apregoa, a essência duma Realidade que por natureza lhe escapa: dez artistas não-de pintar, ou descrever, do mesmo objecto dez quadros diferente; dez fotografos não farão do mesmo objecto a mesma fotografia, porque a própria fotografia é *uma arte*. Conforme sintetiza, em remate espiritoso: “O Realismo é, pois, *irrealista*, porque procura ignorar a Realidade do Eu consciente” Para ilustração, vem a análise que o A. dedica à obra romanesca de Champfleury, um dos corifeus do grupo da *Brasserie Andler*. Fazendo, embora, incidir a sua criação literária sobre os temas favoritos do Realismo, Champfleury não só reconhece a incapacidade de *reflectir* o que objectivamen-

te observa, como confessa o seu cepticismo em relação aos fundamentos filosóficos daquela corrente estética; considera o Materialismo uma doutrina religiosa “de que foram banidos o pensamento e a fantasia” E acrescenta: “Os que se insurgem contra o dogma, constroem com o Ateísmo um novo dogma. Eles não tem direito de troçar dos crentes: o Ateísmo é uma fé” Inquietações semelhantes vai o A. descobrir também em Baudelaire. Se, em dado passo, este poeta generaliza que “todo o bom poeta foi sempre realista”, logo restringe, noutro momento: “A poesia é o que existe de mais real, é aquilo que só é completamente verdadeiro num outro mundo, ou reconhece, intrigado: “Este mundo, dicionário hieroglífico”

Champfleury e Baudelaire, em pleno surto realista, situam-se, portanto, para além do Realismo. Tal como Janes Joyce, na tentativa de captação da Realidade psíquica, que é a técnica do *monólogo interior*. Tal como W. B. Yeats, o defensor da arte como “visão da realidade”, ao exprimir-se por estas palavras: “Players and painted took all my love / And not those things that they were emblems of” (matéria do cap. VII). Tal como William Blake, à distância de um século, já antecipava as interrogações dos realistas, no verso lapidar: “A fool sees not the same tree that a wise man sees”. Resta saber (se acaso é legítimo pôr a questão), quando se trata de reproduzir o mundo objectivo, quem é o *louco* e quem é o *sábio* (matéria do cap. VI).

Assim, conforme a resenha que viemos fazendo, nos caminhos que vão dar a Marx o A. circula na qualidade de dissidente. E, todavia, a sua maneira de observar o mundo bem podia acreditá-lo como o mais pragmático dos marxistas. Na verdade, o perfil humano de Johannes Kleinstück confere-lhe uma singular autoridade moral para se pronunciar sobre a tal Realidade económica e social que é objecto do Realismo de Lukács. Em sucessivos contactos ao longo de vinte anos, nunca o conhecemos encerrado em torres de marfim nem pontificando em alta roda de intelectuais. Vimo-lo, sim, preferir o convívio habitual dos emigrantes portugueses nas respectivas associações e locais de encontro na cidade de Hamburgo; vimo-lo confraternizar com os rurais em tabernas do Alentejo; soubemo-lo alojado, como hóspede de amizade, no lar dum pescador da Póvoa de Varzim. Ele seria um intelectual marxista, se a doutrina de Marx porventura correspondesse à sua interpretação do mundo; mas, se o fôsse, nunca seria, como tantos outros, um marxista de gabinete.

OLIVIO CAEIRO

HANS-JOACHIM TEUCHERT: *August Graf von Platen in Deutschland. Zur Rezeption eines umstrittenem Autors*, Bouvier Verlag, Bonn 1980, in 8º, 276 pgs.

Quando em 1968 publicámos *O Diário de Platen-Hallermünde. Expressão duma crise espiritual*, foi objectado que nos estaríamos ocupando inutilmente